

CORTEJO DO DOIS DE JULHO: ENTRE ACTANTES E REDES

Mateus Costa de Oliveira¹

Resumo: Neste artigo, apresentaremos e analisaremos a primeira etapa do Cortejo do Dois Julho, realizado em Salvador (BA), por meio da Teoria Ator-Rede. Para tanto, através de um relato da experiência de campo do ano de 2017, elementos da festa popular serão elencados para, assim, auxiliarem na construção do texto.

Palavras-chave: Cortejo do Dois de Julho, Teoria Ator-Rede, Relato.

Introdução

Apresentaremos neste artigo² uma leitura do Cortejo do Dois de Julho – realizado na cidade de Salvador, Bahia – feita a partir da Teoria Ator-Rede, formulada por Bruno Latour. Por se tratar de uma festa popular de quase dois séculos e de média proporção, não passaremos por todos os atores que a compõem, por todas as especificidades das suas diferentes fases e nem profundamente pelas suas diversas dimensões, sejam elas culturais, políticas, religiosas ou folclóricas. Nossa análise partirá da experiência de campo realizada no ano de 2017, para, munidos com as ferramentas latourianas de análise, construir nosso texto dando destaque a determinados elementos que julgamos pertinentes. Tendo em vista responder às controvérsias mais propriamente políticas e culturais, o foco da presente análise do Cortejo do Dois de Julho é a sua primeira parte, marcada pelo dinamismo e pelo tom político dado por seus diversos atores – manifestações espontâneas, partidos políticos, entidades de classe e movimentos sociais. Entretanto, inevitavelmente, haverá pontuais contextualizações históricas para que se entenda a forma que se deu o desejo do atual cortejo.

Tentaremos responder a questão *como o Cortejo do Dois de Julho do ano de 2017 pode ser lido através de um relato feito a partir da experiência de campo e interpretado através da Teoria Ator-Rede?* Ainda que seja a pergunta que guia este trabalho, todavia, outras questões a rodam – e que, em certa medida, a estimulam – serão apresentadas também: *quais são os principais actantes da primeira etapa do Cortejo do Dois de Julho?; quais as redes são compostas por actantes similares?; todo actante faz parte de*

¹ Graduando em Comunicação Social – Produção em Comunicação e Cultura (UFBA). E-mail: contatodomateus@gmail.com

² Este trabalho é oriundo de uma pesquisa mais ampla para o trabalho de conclusão de curso de Comunicação Social – Produção em Comunicação e Cultura da Universidade Federal da Bahia.

múltiplas redes? e como desdobrar o tecido cultural de cortejo tão tradicional como o Dois de Julho, mapeando as disputas e os tensionamentos que ali se formam?. Com este conjunto de indagações, pretendemos contribuir para uma construção inicial da leitura latouriana sobre um fenômeno cultural antigo da cidade de Salvador.

Dois cortejos

Prestes a completar 195 anos de existência, o Cortejo do Dois de Julho nasce com contexto histórico e local bem definido: com a expulsão das tropas portuguesas em 1823, após 18 meses de conflito, no ano seguinte, populares resolveram celebrar o feito militar improvisando uma carruagem que percorreu do largo da Igreja da Lapinha ao Terreiro de Jesus, maior praça da Salvador oitocentista. O trajeto, inclusive, não partiu de uma delimitação arbitrária, já que o mesmo percurso foi feito pelas tropas que subjulgaram o exército português e que, também, demarcava o eixo urbano da então Salvador – da sua limitação com o interior (o largo da Igreja da Lapinha) até o principal centro da capital baiana (a praça do Terreiro de Jesus). A partir da concentração no largo da igreja, o festejo passava pelo Largo da Soledade, Rua Fonte de Santo Antônio, Rua dos Perdões, Largo da Quintandinha, Praça Barão de Triunfo, Carmo e, findava, no Pelourinho. Esse foi o primeiro percurso do cortejo durante alguns anos. O prolongamento deste trajeto se deu a partir de uma discussão política sobre a construção de um monumento dentro da cidade que referenciasse o feito da data do Dois de Julho:

Assembleia Provincial de 24 de maio, assinada pela direção dos festejos comemorativos em 16 de maio de 1876, dirigida por José Luiz de Almeida Couto. Nessa reunião, é relatada, pelo governo, a necessidade do reconhecimento público ao 2 de Julho, expresso em monumento, como [...] a França com seu Arco do Triunfo e sua gigantesca coluna de Vendôme. E justifica: ‘os monumentos dos acontecimentos com a História’. (MARTINEZ, 2000, p. 113).

Então, após esta percepção política, em 1895 é inaugurado a Praça Dois de Julho – popularmente conhecida como Campo Grande – e, dentro dela, o monumento do caboclo que, em seus trajes indígenas, subjulga a serpente da tirania; a estatua, além de ser uma marca do ufanismo do período, faz referência ao próprio caboclo³ que surge dentro da festa e que era levado dentro de uma carruagem ao longo do cortejo. Assim, após a construção da praça, o cortejo cresce e passa incorporar uma nova rota partindo

³ Segundo Kraaay (1999, p. 08), citando Manuel Raimundo Querino, o primeiro cabloco era, de fato, um homem. A partir do segundo cortejo, a figura do homem foi substituída por uma estátua.

do Terreiro de Jesus até a recém-inaugurada praça. A incorporação de uma nova rota não muda somente a dimensão percorrida, mas altera a configuração e dinâmica do próprio cortejo:

Com a inauguração do monumento do Campo Grande, muda o desfile. Pode-se dizer que a festa se divide em duas. Uma de caráter popular, coordenada pela comissão de festejos, e outra oficial, cuja responsabilidade e liderança é do poder público. (MARTINEZ, 2000, p. 124) ⁴.

A herança desta nova organização é perceptível e permanece até os dias atuais: em um primeiro momento, ocorre o desfile de movimentos sociais, partidos políticos, fanfarras, movimentos religiosos e qualquer outra grupo que ali queira se inserir – de tal forma que passa ao largo da organização da Fundação Gregório de Mattos⁵, instância municipal responsável por organizar o festejo do Dois de Julho. Esta massa heterogênea percorre o trajeto do centro antigo até o Terreiro de Jesus. Na segunda etapa, é realizada a parte final do cortejo, onde ocorre o desfile de militares, escoteiros, fanfarras e onde, por fim, é conduzido as estátuas do caboclo e da cabocla até o monumento do Campo Grande, onde, já há alguns anos, é realizado um cerimonial de fechamento pelo poder público. As duas estátuas são, inclusive, os únicos elementos que perpassam os dois momentos do cortejo.

Uma vez entendida, ainda que de forma geral, a formação do cortejo e a sua característica dual, poderemos partir para a leitura do festejo sob lentes latourianas. A análise terá como base a experiência de campo do ano de 2017. Sendo assim, como ponto de partida inicial, poderíamos questionar: quais são os atores que atuam dentro do Cortejo do Dois de Julho?

Primeira etapa: actantes e redes

Já que dividimos a análise em duas partes, a questão poderia ser mais bem delimitada sendo “quais são os atores da primeira etapa⁶ do Cortejo do Dois de Julho?”. Preliminarmente, devemos pontuar que, dentro da Teoria Ator-Rede, ator é tudo aquilo que gera ação, seja humano ou não-humano:

⁴ Apesar de a citação dizer que sim, não conseguimos precisar se a mudança – a criação não intencional de dois momentos no festejo – ocorreu já no ano da inauguração da praça ou em anos seguintes.

⁵ Em contato com a fundação, em 2017, nos foi confirmado o descontrole da entidade sobre quem participava ou não da primeira parte do cortejo do Dois de Julho.

⁶ Chamamos de primeira etapa o percurso que vai do largo da Igreja da Lapinha até o Terreiro de Jesus.

[...] a ANT também amplia o entendimento do que é um ator. Para esta teoria não-essencialista, as associações envolvem não apenas humanos, mas também actantes não-humanos. Sinteticamente, um ator faz diferença na ação em andamento; é aquele (ou aquilo!) que age em função de muitos outros atores. Conforme postula Lemos (2012, p. 3-4), “Se não há relação, não há ator, não há nada. Um actante é o que modifica, transforma, o que perturba ou cria. (PRIMO, 2012, p. 13).

Este ator – que comporta desde sujeitos até objetos – é chamado de *actante*⁷ dentro do pensamento latouriano, justamente para não confundir o “ator” que Latour quer destacar com a ideia de “ator humano”. A partir deste entendimento, pergunta-se: quais são os actantes presentes na primeira parte do cortejo?

De imediato, poderíamos afirmar que o poder público municipal é um actante: ruas são fechadas, estruturas são inseridas no espaço, equipes são mobilizadas e deslocadas para a área do festejo; enfim, a inserção da administração pública faz com que o cortejo ocorra e facilita a incorporação de novos actantes – afinal, se as ruas e avenidas por onde o cortejo passa não estivessem interditadas, os possíveis actantes não poderiam estar ali e agirem. A ação do poder público permite a ação dos demais. Assim, a atuação do poder público, mesmo que neste primeiro momento não tão controladora, talvez seja a mais impactante e que altera mais profundamente o programa padrão do espaço urbano. O que antes era um via urbana de função previsível, por conta do poder municipal, é transformada em palco para o festejo e em um caminho a ser percorrido para os que acompanham o cortejo – além de alterar toda a dinâmica usual dos bairros e de seus moradores. Esta subversão, ou alteração de uma função padrão, pode ser caracterizada como uma ação mediadora exercida pelo poder público: a continuidade (a função da via urbana) foi interrompida pelo mediador que se interpôs e, conseqüentemente, gerou a transformação de uma via urbana em um fenômeno cultural. Para a Teoria Ator-Rede, mediadores “transformam, traduzem, distorcem e modificam o significado ou os elementos que supostamente veiculam” (LATOURE, 2012, p. 65). Ainda que seja uma suspensão momentânea – e esperada, já que ocorre anualmente na mesma data – acreditamos que ainda seja possível caracterizá-la como mediadora, já que a premissa de alteração ainda é mantida.

A característica mediadora da prefeitura, em 2017, se mostrou também de outra maneira: por meio de um decreto de 2013, a Secretaria de Desenvolvimento e

⁷ O termo vem da semiótica de Algirdas Julien Greimas (1917-1992).

Urbanismo (Sedur) passou a notificar imóveis que exibissem *banners* e faixas em suas fachadas. Tal medida foi de encontro com a tradicional caracterização secular das casas que, estando dentro do circuito do cortejo, se adornavam – desde faixas até manifestações mais chamativas e extravagantes – livremente e, assim, se inseriam e construía parte do cenário da festa. A ação da secretaria logo gerou repercussão e críticas, mas, no ano seguinte, através da Fundação Gregório de Mattos, ocorreu um concurso das melhores fachadas dentro do circuito da festa; ao estabelecer uma competição, em nossa leitura, a ação de estabelecer um padrão fica mais branda e estratégica, já que induz e reforça um tipo de caracterização desejada por meio de uma premiação – e não através de notificações de órgão público. Tanto a ação de notificação quanto o concurso, ambas de intensidade diferentes, revelam diferentes frentes da ação mediadora do actante poder público.

Além de percebermos as ações do poder público, podemos notar sua associação com outros actantes para que a sua própria ação de interferência possa ocorrer: Secretaria de Desenvolvimento e Urbanismo (Sedur), a Fundação Gregório de Mattos e as casas (e seus moradores). E mais, neste exemplo, conseguimos perceber uma conexão, a rede⁸ de ações que é formada a partir da própria associação desses três actantes tão distintos. Essa primeira rede – protagonizada, principalmente, pelo poder público – não é a única e está em relação com outros actantes e redes. As fachadas ornamentadas, a nosso ver, são actantes que transitam entre diferentes redes e que podem demonstrar estes pontos de interseção entre as diversas que redes que compõem a primeira etapa do Cortejo do Dois de Julho. Explicaremos.

Dentro da pesquisa de campo, percebemos que as caracterizações das casas poderiam ser divididas em três grupos temáticos: (1) exaltação e homenagem à independência da Bahia; (2) diálogo com pautas da política nacional; (3) visibilidade para pautas específicas – como, em 2017, o Projeto Corrisco, não sabemos se em sua sede, fixou cartazes pedindo ajuda a políticos. Os dois primeiros dialogam com actantes que atuaram percorrendo as ruas dentro do cortejo. Há, na primeira etapa da festa, diversos actantes que resgatam o espírito da independência – as estátuas do caboclo e da cabocla e pessoas caracterizadas de personagens históricos – e que, de alguma forma,

⁸ Rede, dentro da Teoria Ator-Rede, foge do sentido comum evocado de estrutura física. Há, na verdade, uma indicação do *modo* de estar do próprio actante: em fluxo, em aliança, em embate ou, simplesmente, em ação. A ação, que sempre leva algo ou alguém a agir, tece um emaranhado de associações entre diferentes actantes.

estabelecem um entrelaçamento e um diálogo com as fachadas de mesma temática. Também observamos, em 2017, que diversas casas, por exemplo, traziam cartazes e faixas com os dizeres “Fora, Temer!”⁹, que também era repetida por alguns movimentos sociais, partidos políticos, sindicatos dentro do trajeto da festa. Dessa forma, a rede que as “casas adornadas” compõem toca a rede estabelecida pelos actantes que atuam ao longo do cortejo através de elementos em comum, ainda que materialmente distintos.

Entretanto, por conta da aproximação de actantes de redes distintas feita acima, não devemos pensar que estar associado dentro de uma mesma rede é sinônimo de homogeneidade – ou concordância – entre actantes e nem que um actante não possa estar em mais de uma rede. Dentro da Teoria Ator-Rede, inclusive, não há nenhum tipo de formulação que permita esse tipo de afirmação. As redes são encontros formados através das ações dos actantes, e não por qualquer tipo de similaridade – que, de fato, podem ocorrer, mas não são balizadores para a formação das redes. Nesta questão, os actantes que percorreram as ruas da primeira parte do cortejo podem nos ajudar a perceber este ponto: uma rede que é, essencialmente, tecida pelo antagonismo e pela diversidade de actantes e de ações.

Para provarmos e exemplificarmos este ponto, um breve panorama da composição partidária¹⁰ desta primeira parte do cortejo já seria suficiente. Entretanto, achamos, a coexistência de partidos dos mais variados segmentos políticos não relata o antagonismo – no sentido conflituoso – que pretendemos mostrar dentro de uma mesma rede, apesar de evidenciar a diversidade de actantes. Um melhor exemplo, contudo, seria o embate protagonizado por uma parte dos actantes que percorreram a primeira etapa do cortejo do ano de 2017. Nessa ocasião, um grupo que reunia militantes do Partido Novo, apoiadores do vereador Cezar Leite (PSDB) e alguns médicos – identificados como sendo da Ordem dos Médicos do Brasil (OMB) – exibiam cartazes com os dizeres “médico gosta da Lava Jato!”, “somos todos Sérgio Moro” e “em defesa

⁹ Campanha nacional iniciada, em 2016, após o vice-presidente, Michel Temer, assumir a presidência da República.

¹⁰ Na pesquisa de campo, realizada no ano de 2017, foram catalogados a presença dos seguintes partidos: Partido dos Trabalhadores (PT); Partido Comunista do Brasil (PCdoB); Partido Comunista Brasileiro (PCB); Partido Socialismo e Liberdade (PSOL); Partido Democrático Trabalhista (PDT); Partido Novo (NOVO); Partido Popular Socialista (PPS); Partido Republicano da Ordem Social (PROS); Partido Socialista dos Trabalhadores Unificados (PSTU); Rede Sustentabilidade (REDE); Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB); Democratas (DEM); Partido da Mulher Brasileira (PMB); Partido Socialista Brasileiro (PSB).

da Lava Jato”. Ao externarem suas opiniões por meio dos seus cartazes, em um ambiente tão diverso, ocorreram manifestações de contrariedade em relação à pauta que apresentavam, externadas através de vaias e de gritos “Fora, Temer!”. Por ser um cortejo – que pressupõem movimento – a tensão ali estabelecida foi pontual e logo diluída, e possivelmente restabelecida novamente em algum outro momento do cortejo. Se a heterogeneidade de uma mesma rede fica visível através deste episódio, é interessante também perceber como um actante – desta vez, um objeto – foi desencadeador de uma série de novas associações. O embate entre grupos distintos ocorreu porque, em um deles, cartazes evidenciavam o posicionamento político favorável sobre a operação Lava jato e o juiz Sérgio Moro. Os cartazes, assim, funcionaram com sinalizadores e chamariz para o debate. Além desse grupo, outros também usavam diversos recursos e objetos – todos actantes para nós – que auxiliavam na demarcação política: faixas, camisas, indumentárias, instrumentos musicais, aparelhos de som, coreografias e panfletos. Há, a nosso ver, uma imbricação de elementos humanos e não humanos na ação dos actantes; afinal, seria efetivo para um determinado grupo estar presente no cortejo se não houvesse uma camisa padronizada que os identificassem enquanto conjunto ou, ainda, cartazes e panfletos que apresentassem as pautas que defendem? Certamente, não. Tanto que organizações políticas de cunho mais tradicional (movimentos sociais, partidos políticos, sindicatos) usam de seu repertório de ação de rua mais trivial para compor o cortejo – demonstrando, também, que a rede que compõem no dia dois de julho está conectada com as outras redes que estes actantes perpassam.

Para nós, a partir daqui, uma questão podem ser levantada: existe algum actante que faça parte apenas de uma única rede? Ou seja: todo actante dentro do Cortejo do Dois de Julho estará, inevitavelmente, inserido em múltiplas redes?

Um emaranhado de redes

Atomizar algum actante do Cortejo do Dois de Julho para, assim, delimitar uma única rede não parece ser uma tarefa possível. Afinal, o próprio cortejo referencia um feito que está fora dele e, atualmente, pelos próprios participantes do cortejo, todos integram grupos que existem e atuam fora do festejo. Até os próprios objetos (cartazes, camisas, faixas), que estão conectados com os humanos, circulam em outras redes. Há

um entrelaçamento de diferentes redes dentro do cortejo, que, com o tempo, se desfazem ou mudam – tese incontestável, já que o cortejo apresenta quase dois séculos de existência. Enfim, para a nossa pergunta, poderíamos responder que todos os actantes ali presentes fazem parte, sim, de outras redes; até porque a maior parte não tem no cortejo do Dois de Julho o local da sua primeira ação, um espaço de estreia como actante. Entretanto, poderíamos reformular a questão para: há algum actante que tenha se constituído como tal dentro do Cortejo do Dois de Julho e, conseqüentemente, a partir desse marco, integrado essa e outras redes?

A primeira parte do cortejo, como já mencionado, tem um maior teor político por conta dos seus participantes e, portanto, procurado por estes e outros actantes por conta dessa característica. É um momento – uma rede – de visibilidade, tanto pela cobertura midiática quanto pelos participantes que vão para observar o cortejo nessa primeira etapa. Tendo em vista isso e a questão levantada, na pesquisa de campo do ano de 2017, observamos que um actante foi criado e, enquanto actante, teve a sua primeira ação dentro do Cortejo Dois de Julho.

Em 2017, um conjunto de actantes¹¹ – Artífices da Ladeira da Conceição da Praia, Associação Amigos do Gegê dos Moradores da Gamboa de Baixo, Movimento Sem Teto da Bahia (MSTB), Movimento Nosso Bairro É Dois de Julho, Coletivo da Vila Coração de Maria, Comunidade da Ladeira da Preguiça, Associação dos Moradores e Amigos do Centro Histórico (AMACH) e Associação dos Moradores da Chácara de Santo Antônio – convocaram um ato intitulado “o centro antigo é do povo”. A partir desse mote, a organização esperava agregar pessoas e criticar tanto o governo municipal como estadual por conta das políticas públicas voltadas para o centro da cidade de Salvador. Apesar de ser um ato (jargão político para uma manifestação em algum espaço) composto de diferentes actantes, ocorreu uma unidade a partir do mote central e, como os outros actantes participantes do cortejo ali presentes, a incorporação daquele grupo dentro do Cortejo do Dois de Julho. Os vários actantes se unificam, apesar de algumas marcas dessa diversidade ainda estivessem presentes – como faixas que continham o emblema de alguma determinada associação de moradores. Esse actante, chamado por nós de actante “o centro antigo é do povo”, não existia e foi criado especificamente para ocupar a rede da primeira etapa do cortejo daquele ano. Mesmo

¹¹ Desconhecemos se esses actantes participavam do cortejo do Dois de Julho individualmente.

que seus actantes internos – quase como *subactantes*¹² do actante maior – façam partes de outras redes e sejam pontos de ligação, a primeira ação e articulação em uma rede do actante “o centro antigo é do povo” foi no cortejo do Dois de Julho do ano de 2017. Desconhecemos se esse actante, como um partido político, teve atuação e envolvimento em outras redes que não fosse aquela e a do cortejo no ano seguinte, onde também esteve presente.

Pensar o Cortejo do Dois de Julho, ainda que apenas entre seus actantes e redes, parece revelar um desdobramento quase que inesgotável: mesmo sendo mapeáveis, as redes que cruzam o festejo lançam mais atores – que, por sua vez, inserem mais redes – e, assim, mais complexidade e adensamento. Então, até onde ir com a análise? É possível abrir, desdobrar, este grande tecido cultural para que se veja o todo?

A nosso ver, talvez, não haja “o tecido”, mas incontáveis. Se a primeira parte do cortejo é formada pelo caráter dinâmico, pouco, ou até mesmo nada, possamos garantir uma continuidade ou permanência longa; mesmo que vejamos determinadas marcas que permanecem – como o caracterizar das fachadas e casas – há uma mutação anual de tudo que circunda o cortejo: as casas, os bairros, os actantes, as redes, as controvérsias e as associações. Parece que o aspecto cultural do cortejo, assim como a ideia “social”¹³ de Bruno Latour, nunca estabiliza e, conseqüentemente, não gera uma generalização sobre o caráter do Cortejo do Dois de Julho¹⁴. Acreditamos que o analista social, uma vez debruçado sobre o cortejo, seja sempre impelido para uma pesquisa de campo, se assim queira flagrar o “cortejo atual”. Parece que este grande tecido cultural não estabiliza, mas aumenta sua métrica de forma aleatória. Entretanto, se não podemos desdobrar todo o tecido, o que fazer? Dois caminhos são possíveis: (1) delimitar o momento e até onde se quer chegar com a análise e (2) procurar entender a natureza

¹² Dentro da Teoria Ator-Rede, não existe uma categoria chamada subactante, apenas existe actante. O termo foi criado e usado livremente neste trabalho.

¹³ Negando e criticando a ideia de que a palavra “social” funciona como uma categoria que evoca caracterizações próprias e que, por si só, cristaliza e lança aspectos elucidativos aos fenômenos, Latour apresenta ao leitor uma nova perspectiva sobre o que seria o social. Essa nova maneira não caracteriza porque – o “aspecto” social – não é entendido como algo que dê especificidade, mas como “um movimento, um deslocamento, uma transformação, uma translação, um registro” (LATOURE, 2012, p.99); que qualifica e aponta, mas não estabiliza ao ponto de acarretar em generalizações prévias: é muito mais um modo de perceber os fenômenos como um sistema ainda em aberto. O dito social, para o autor, não será um subterfúgio retórico para explicitar algo, mas entendido “apenas como um movimento peculiar de reassociação e reagregação” (LATOURE, 2012, p. 25).

¹⁴ Com esta afirmação, não negamos a possibilidade do estudo historiográfico sobre o Cortejo do Dois de Julho. Afirmamos, apenas, a impossibilidade de uma generalização conclusiva sobre um objeto que está em constante e imprevisível mudança.

mutável do cortejo. Para a continuidade deste texto, desenvolveremos o segundo aspecto.

A mutação, que agrega tanto os actantes quanto as redes, não pode ser pensada apenas circunscrita dentro da primeira etapa do Cortejo do Dois de Julho. Dessa forma, como fizemos até aqui, apenas transportamos causalidades: um actante que, influenciado por outra rede ou actante externo, assume um novo comportamento e, conseqüentemente, gera um fato novo dentro do cortejo. Em parte, esse raciocínio está correto, mas, se queremos entender a mutação, precisamos ser mais que pontuais na análise; precisamos reunir, novamente, todos os actantes e quebrar a percepção de uma causalidade linear das ações. Para isso, acreditamos, devemos executar um distanciamento do próprio cortejo, quebrar a sua centralidade na análise e entendê-lo como constituinte de uma rede maior: a cidade.

A cidade, de fato, não agiu como actante que *criou* o Cortejo do Dois de Julho, mas como uma rede que o englobou. É dentro dela que todos os actantes que estão presentes dentro do cortejo circulam e, também, é a rede que comporta outras redes. Esta última característica é fundamental: a cidade, uma grande rede, absorve e incorpora diferentes actantes e redes. Os diversos actantes, em circulação livre na rede mais ampla, escolhem – levantado aqui como hipótese – as diversas redes menores que irão compor e participar. Aqui, acreditamos, é onde a causalidade pontual que queremos banir é quebrada: se os actantes estão em circulação – participando de outras redes e, constantemente, se renovando –, então, a mudança do cortejo não é uma característica pontual, mas algo que acompanha a própria dinâmica interna de circulação dos actantes. O movimento, a mutação, do tecido cultural é esperado, já que, sendo o Cortejo do Dois de Julho uma rede de ocorrência anual, marcas das diversas novas associações que os actantes fizeram ao longo de um ano aparecerão dentro do cortejo: tanto o actante partido político quanto o actante movimento social estarão diferentes, por exemplo. A mudança do tecido cultural acompanha o movimento dos actantes em circulação e associação.

Considerações finais

Analisar Cortejo do Dois de Julho, manifestação cultural centenária da cidade de Salvador, é uma atividade que exigiu delimitação e organização. Para tanto,

delimitamos como foco o cortejo realizado no ano de 2017 e, para sua análise, definimos a Teoria Ator-Rede – postulada por Bruno Latour – como eixo teórico. Assim, a partir de aspectos observados na experiência de campo, relatamos e enxergamos o Cortejo do Dois de Julho a partir da formulação latourina.

Entretanto, antes de atingirmos esse estágio final, foi preciso organizar a relação entre aspectos da teoria e do fenômeno escolhido: demonstramos que um mesmo actante pode circular em diferentes redes; que existe uma heterogeneidade de actantes presentes em uma mesma rede; que, dentro do Cortejo do Dois de Julho, os actantes nunca estão circunscritos em apenas uma única rede e que é possível a criação de novas redes a partir do próprio cortejo. Estes aspectos foram demonstrados porque resgatamos os diversos actantes, redes e associações que foram observadas no cortejo daquele ano: o actante poder público que, associado com os actantes órgãos públicos, interferiu – primeiro notificando e, depois, por meio de um concurso – na rede estabelecida pelos actantes casas, que faziam parte, também, da rede dos actantes que percorriam o cortejo. Desses últimos, relatamos a heterogeneidade de sua rede através de um embate ocorrido por conta de opiniões políticas opostas, já que, fora da rede cortejo, estão em redes distintas. A partir desse evento, também, percebemos como o actante cartaz (um objeto) havia desencadeado o conflito e, além disso, como os actantes humanos estavam associados aos actantes não-humanos. E, através do actante “o centro é antigo é do povo”, formado por um conjunto de actantes, vimos que é possível que um actante tenha o Cortejo do Dois de Julho como sua primeira rede de atuação e que se constitua enquanto actante ali também, ou melhor: um conjunto de actantes associados em rede, convergindo e atuando em unidade, estabelecem um novo actante – o ator “o centro é do povo” – para se contraporem a actantes externos, os poderes públicos municipal e estadual, que os afetam fora da rede Cortejo Dois de Julho.

Por fim, recuamos e fizemos uma análise deslocando o Cortejo do Dois de Julho da perspectiva central para, enfim, vê-lo como constituinte de uma rede maior, a cidade, que abarca em seu bojo o próprio cortejo e todos os seus actantes. Neste recuo analítico, percebemos o quão desafiador é estudar um elemento cultural diverso e em constate mutação. Mas, e agora concluímos, uma vez entendido que o cortejo está inserido em uma rede ampla e que seus actantes circulam em outras redes, percebemos que o relato – importante elemento dentro da teoria latouriana – é uma tentativa de desdobramento

pontual do tecido cultural e que a cidade é o elemento que reúne, envolve e promove a mutação do Cortejo do Dois de Julho, já que é dentro dela que qualquer actante circulará e realizará novas associações.

Bibliografia

LATOUR, B. Reagregando o Social: uma introdução à teoria Ator-Rede. Salvador: Edufba; Bauru: Edusc, 2012.

MARTINEZ, S. 2 de Julho: A festa é história. Salvador: Selo Editorial da Fundação Gregório de Mattos, 2000.

PRIMO, A. O que há de social nas mídias sociais. Reflexões a partir da Teoria Ator-Rede. Contemporânea, vol. 10, n. 03, p. 618 – 641, Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia, set – dez 2012.

KRAAY, H. Entre o Brasil e a Bahia: As comemorações do Dois de Julho em Salvador. Afro-Ásia, núm. 23, p. 47 – 85, Universidade Federal da Bahia, 1999.